

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras: representações, construções e textualidades

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras: representações, construções e textualidades /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-184-5
DOI 10.22533/at.ed.845210706

1. Letras. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de
(Organizador). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS: REPRESENTAÇÕES, CONSTRUÇÕES E TEXTUALIDADES**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos em adaptação e tradução; e outras temáticas.

Estudos literários traz análises sobre identidade cultural, memória, resistência, feminino, ecocrítica, cultura, regionalismo, história, poesia, prosa, turismo e literatura.

Em estudos em adaptação e tradução são verificadas contribuições que versam sobre literatura e teatro, além de mitologia andina.

Outras temáticas congrega estudos sobre arquitetura do espaço escolar e sociologia das ausências.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE CULTURAL EM TRÂNSITO: UM OLHAR A PARTIR DO CONTO “RÉPLICA” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Maria do Socorro Souza Silva	
Maria Lidiana Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107061	
CAPÍTULO 2	13
LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E MÁRCIA KAMBEBA	
Lívia Verena Cunha do Rosário	
DOI 10.22533/at.ed.8452107062	
CAPÍTULO 3	25
O CONCEITO DE RESISTÊNCIA PRESENTE NO CONTO <i>ANACONDA</i> , DE HORÁCIO QUIROGA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA LATINA SOB O VIÉS DO PÓS-COLONIALISMO	
Geovani Augusto Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.8452107063	
CAPÍTULO 4	32
“LOS CONVIDADOS DE AGOSTO”: SIMBOLISMO Y TRANSGRESIÓN FEMENINA	
Karina Reis de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107064	
CAPÍTULO 5	37
A VISÃO ECOCRÍTICA DE MIYAZAKI EM PRINCESA MONONOKE	
Nicole Torres Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8452107065	
CAPÍTULO 6	51
DISCURSO E IDEOLOGIA EM ANGÚSTIA: UMA BREVE ANÁLISE	
Larissa Xavier de Oliveira	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.8452107066	
CAPÍTULO 7	62
ALENCAR CULTURA E IDENTIDADE EM <i>TIL</i> : UMA ABORDAGEM DISCURSIVA	
Micheline Tacia de Brito Padovani	
DOI 10.22533/at.ed.8452107067	
CAPÍTULO 8	73
O REGIONALISMO REVISITADO NA AMAZÔNIA: BELÉM DO GRÃO PARÁ E DOIS IRMÃOS	
Damaris de Souza Silva	

Veronica Prudente Costa
Rosidelma Pereira Fraga
DOI 10.22533/at.ed.8452107068

CAPÍTULO 9..... 89

SAMBAÍBA DESCREVE AS VIVÊNCIAS DO SERTÃO PIAUIENSE: FONTES IBIAPINA À LUZ DAS TEORIAS DE LUKÁCS E BENJAMIN

Layane Rodrigues dos Santos
Raimunda Celestina Mendes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.8452107069

CAPÍTULO 10..... 101

MISÉRIA E “MAU GOSTO” EM RODOLFO TEÓFILO E LUÍS ROMANO

João Luiz Xavier Castaldi

DOI 10.22533/at.ed.84521070610

CAPÍTULO 11 112

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO: LITERATURA E HISTÓRIA DO SÉCULO XIX

Tamara Cecília Rangel Gomes
Ethmar Vieira de Andrade Filho

DOI 10.22533/at.ed.84521070611

CAPÍTULO 12..... 116

DIZER O INDIZÍVEL: OS NEGROS E A ESCRAVIDÃO NO DISCURSO DE VIAJANTES ARGENTINOS AO BRASIL

Lyanna Costa Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84521070612

CAPÍTULO 13..... 128

FUTEBOL, POLÍTICA E CULTURA NO CONTO “JÁ PODEIS DA PÁTRIA FILHOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Lucas Santana Viana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.84521070613

CAPÍTULO 14..... 136

SOB A PELE DAS PALAVRAS: ANÁLISE DE UM POEMA DE MICHELINY VERUNSCHK

Natália Tano Portela
Danilo Santos Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.84521070614

CAPÍTULO 15..... 143

O DIÁLOGO INTERTEXTUAL IMPLÍCITO EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Igor Azevedo Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.84521070615

CAPÍTULO 16	158
TURISMO E LITERATURA: A EXPERIÊNCIA PORTUGUESA	
Eva Maria Marques Milheiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070616	
CAPÍTULO 17	169
A ADAPTAÇÃO TEATRAL: EFEITOS DE SENTIDO DA OBRA LITERÁRIA NO TEXTO DRAMÁTICO	
Maria Clara da Costa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.84521070617	
CAPÍTULO 18	184
TRADUÇÃO COMENTADA DA MITOLOGIA ANDINA “URSO RAPTOR” DIALOGANDO COM BELÉN	
Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.84521070618	
CAPÍTULO 19	193
DO CONCEITO DE ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A CERCA DA ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR	
Francisca Rodrigues Lopes	
Marcos Rafael Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070619	
CAPÍTULO 20	205
A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE SANTOS E A CEGUEIRA DOS SABERES DE MORIN PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI	
Wiliana Carneiro Carvalho	
Noelma Oliveira Barbosa	
Bruno Gomes Pereira	
Juscelino Laurindo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.84521070620	
SOBRE O ORGANIZADOR	220
ÍNDICE REMISSIVO	221

DISCURSO E IDEOLOGIA EM ANGÚSTIA: UMA BREVE ANÁLISE

Data de aceite: 01/06/2021

Larissa Xavier de Oliveira

Mestra. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Maria de Lourdes Rossi Remenche

Professora Doutora. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar como as práticas discursivas do personagem principal da obra *Angústia* (RAMOS, 2007) são interpeladas pela ideologia dominante do Brasil Colonial. Para tanto, apresentamos um breve panorama de como o preconceito contra o povo africano foi sendo constituída pelo/no discurso. Como aparato teórico, esta pesquisa utiliza-se das ideias de Pêcheux (1995, 1999) e Indursky (2013). Considerando o conceito de Formação ideológica, de Formação Discursiva e de Memória discursiva, foi constatado que a ideologia colonialista compõe as práticas discursivas da personagem Luís da Silva personagem Luís da Silva.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia; Formação Discursiva; Interpelação ideológica; Preconceito racial.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the discursive practices of the main character of the book entitled *Angústia* (RAMOS, 2007) are challenged by the dominant ideology of Colonial Brazil. For this, we present a brief overview of how prejudice against the African people was

being constituted by / in the discourse. The theoretical foundation of this research consists of Pêcheux's (1995, 1999) and Indursky's (2013) work on discourse. Considering the concept of ideological formation, discursive formation and discursive memory, it was found that the colonialist ideology composes the discursive practices of the character Luís da Silva character Luís da Silva.

KEYWORDS: Ideology; Discursive Formation; Ideological interpellation; Racial prejudice.

INTRODUÇÃO

Embora o povo brasileiro seja, reconhecidamente, marcado pela mestiçagem de diferentes raças, ainda se verificam discursos racistas e preconceituosos na sociedade contemporânea. Muito desse preconceito é fruto de discursos racistas que, por um longo período da história do Brasil colonial, defendiam a existência de diferenças hierárquicas entre as raças e que os negros eram inferiores.

Considerando esse contexto, este artigo tem como objetivo analisar como as práticas discursivas do personagem Luís da Silva da obra *Angústia* (RAMOS, 2007) são interpeladas pela ideologia escravista dominante. O livro *Angústia*, escrito em 1936, é narrado em 1ª pessoa pelo personagem nordestino Luís da Silva, um funcionário e escritor frustrado que mata o amante de sua amada Marina por ciúmes. Ao longo dessa narrativa psicológica, podemos perceber que o protagonista se coloca,

de forma recorrente, em posição inferior aos outros personagens e evidencia, em sua fala, sentimentos de inferioridade e preconceito em relação à própria raça.

IDEOLOGIA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Pêcheux (1995) baseia-se no marxismo althusseriano para fundamentar sua teoria do discurso. Assim, o estudioso emprega o termo aparelho ideológico de Estado para defender que as ideologias são feitas de práticas. Esses aparelhos correspondem às instituições como a igreja, a escola, a família, entre outros. Essas instituições interpelam os sujeitos por meio de uma ideologia dominante e, nessa concepção teórica, os aspectos culturais de uma sociedade são ideológicos.

Nessa perspectiva, a ideologia não se reproduz e nem se impõe de forma homogênea, já que não é possível atribuir uma classe para cada ideologia, e os aparelhos ideológicos de Estado não são a representação da Ideologia em Geral, pois apenas representam os interesses ideológicos da classe dominante. Para Pêcheux (1995), a ideologia de uma classe se torna dominante por esse grupo ter o poder de inserir sua própria ideologia na maior parte dos aparelhos ideológicos de Estado. Apesar de a ideologia do grupo dominante prevalecer, esses aparelhos são, simultânea e contraditoriamente, instrumentos utilizados por todas as classes, não apenas a da dominante. Isso ocorre porque é por meio da luta de classes, que ocorre no aparelho ideológico, que as relações de produção se transformam.

Em virtude disso, ocorrem as lutas de classes, pois o fato de diversas ideologias coexistirem em uma sociedade faz com que elas entrem em conflito para imporem suas ideologias no aparelho de ideológico de Estado que dividem. Neste sentido, a classe que tiver mais poder torna-se dominante. No entanto, o conflito com outras ideologias irá persistir, pois isso é algo ininterrupto e natural em uma sociedade. Assim sendo, a área ideológica não é a única forma de efetuar a reprodução/representação das relações de produção de uma formação social, já que as condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção também têm este papel (PÊCHEUX, 1995).

Segundo o autor, as condições ideológicas são constituídas em um dado contexto histórico, para uma determinada formação social e por um dado conjunto de aparelhos ideológicos de Estado. Para o autor, mesmo que a instalação da ideologia dominante controle a maior parte dos aparelhos ideológicos de Estado, não são todos os aparelhos que contribuem com a reprodução e transformação dessa ideologia. No entanto, Pêcheux (1995) ressalta que a luta ideológica é desigual, já que a ideologia dominante esta inserida no âmbito da religião, do conhecimento e da política de uma determinada formação social.

Para explicitar melhor as condições de reprodução/ transformação, o estudioso advoga que é necessário utilizarmos termos de caráter individualistas, pois as práticas discursivas só ocorrem por meio de uma ideologia e a ideologia só existe pelo e para o sujeito. Para esclarecer essas ideias, o teórico faz uma distinção entre os termos: ideologia

dominante, Ideologia em geral e Formação Ideológica. Diferente da ideologia em geral, a ideologia dominante opera nos aparelhos ideológicos e é propagada por meio das “relações de desigualdade-contradição-subordinação” que ocorrem em uma determinada formação social (PÊCHEUX, 1995).

Já a ideologia em geral não coincide com a Formação Ideológica, pois a primeira não tem história, enquanto que a segunda é historicamente concreta. O filósofo acredita que a ideologia se caracteriza por uma estrutura que é imutável ao longo da história, pois mostra que as relações de produção são relações que ocorrem naturalmente na raça humana. Nessa perspectiva, o estudioso considera o sujeito com sendo interpelado em sujeito, pois o sujeito ideológico é constituído sob uma “norma” identificadora, ou seja, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito.

Para Pêcheux (1995), a ideologia é um instrumento de dominação que representa ideias e valores de uma sociedade. De acordo com ele, a evidência que constitui um determinado sujeito faz parte do processo de interpelação-identificação que produz o sujeito. Em outras palavras, os indivíduos são assujeitados pela ideologia. Enquanto produzem discurso, também são produzidos.

Nesta seção os conceitos de Formação Ideológica, ideologia e ideologia dominante foram explorados, no próximo tópico, a Formação discursiva e a Memória discursiva serão abordados.

FORMAÇÃO DISCURSIVA E MEMÓRIA

A prática discursiva se dá por meio do intradiscurso e do interdiscurso. Enquanto o intradiscurso diz respeito ao discurso que opera no próprio sujeito, o interdiscurso diz respeito aos discursos pré-construídos existentes na sociedade na qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, esses elementos pré-construídos fornecem ao sujeito do discurso uma base para que ele constitua sua própria Formação Discursiva. Como esses elementos apresentam diversos sentidos, eles precisam ser filtrados pelo falante para a produção de sentido. A relação estabelecida entre Formação Discursiva e Formação Ideológica ocorre no espaço da Memória e resulta na construção de um determinado sentido. Dessa maneira, os sentidos são retomados e ressignificados no intradiscurso do sujeito por meio dos pré-construídos do interdiscurso (INDURSK, 2013).

Pêcheux (1995) considera que os elementos pré-construídos possuem relação com a interpelação da ideologia no discurso do sujeito, pois eles moldam seu discurso, ou seja, o já dito sustenta o que está sendo dito. O filósofo acredita que as diferentes formações discursivas que existem são um conjunto de enunciados ideológicos que provém do mesmo sistema e se constituem na Memória. Para ele, a Formação Discursiva é o local no qual a materialidade do discurso e o sentido se constituem. Essa formação molda o discurso dos sujeitos, pois as formações discursivas representam uma Formação Ideológica

correspondente. Por isso, determinados dizeres não são permitidos de acordo com o contexto de produção, pois não condizem com a Formação Discursiva deste determinado espaço, e enquanto dão poder, também retiram poder.

Em relação à Memória Discursiva, Pêcheux (1999) a define como sendo aquilo que restabelece os implícitos de um acontecimento e que é composto de elementos pré-construídos que estendem uma dialética de repetição e regularização. O teórico defende que os sentidos são variados, flexíveis, e correm o risco de se inscreverem na Memória ou não, já que são inscritos por meio da interpretação do sujeito do discurso. Nesse sentido, Indursky (2013) argumenta que os discursos que circulam na sociedade remetem à Memória Discursiva, pois uma vez retomados, são regularizados. Deste modo os diversos discursos se fazem no regime de repetição.

Assim, o autor defende que a regularização discursiva é sempre propensa a ruir quando se tem um novo acontecimento discursivo. Apesar disso, após um determinado discurso ser repetido e regularizado, é difícil desregularizá-lo, já que ele foi repetido e inscrito na memória social. (PÊCHEUX, 1999). Nessa perspectiva, Pêcheux (1999) acredita que há sempre dois “jogos de forças” entre a memória e o choque acontecimento. Enquanto o primeiro diz respeito ao fato que este jogo visa manter a regularização pré-estabelecida com os implícitos que vincula, o segundo está relacionado com a desregularização que vem para perturbar esses implícitos. Dessa forma, o autor afirma que a Memória possui um caráter heterogêneo e é construída por meio de diferentes discursos ao longo do tempo. Estes discursos podem ser repetidos, sofrer alterações (deslocamentos), ser retomados e podem tentar se perpetuar por meio dos conflitos de regularização. Em outras palavras a Memória é um espaço móvel, no qual enunciados podem ser repetidos, modificados, criticados e polemizados. Pêcheux (1995) argumenta que, a Memória Discursiva deve ser abordada por um outro viés, a Memória é opaca e caracterizada por uma divisão da identidade material e da materialidade da palavra. Dessa forma, a Memória é parafrástica e pode mudar, já que pode ser vista em diferentes perspectivas, contextos e pode ter significados diferentes dos que são atribuídos a ela.

Assim, a Memória apresenta uma dupla dimensão, pois é um fato societal. Para deixar o caminho da insignificância, um determinado acontecimento ou saber precisa ser relevante para um determinado grupo social, e apenas depois disso, torna-se Memória. Para que esse acontecimento seja lembrado por um grupo, ele precisa ser reconstruído a partir de uma noção em comum com os membros da comunidade, dessa forma, será feita uma significação deste acontecimento/saber. Por este motivo, a Memória coletiva é paradoxal, pois só conserva um acontecimento do passado se ele ainda estiver ativo ou se for capaz de continuar sendo ativo na consciência de um grupo, em outras palavras a existência da Memória depende da significação que os sujeitos do discurso estabelecem sobre um determinado fato.

Esta seção explorou o papel da Memória no discurso dos indivíduos. Esse

referencial teórico sustentará a análise proposta. Na próxima seção, apresentaremos um breve panorama histórico a respeito do preconceito institucional contra negros no Brasil.

PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL: UMA BREVE RETOMADA

No Brasil, a discriminação contra negros teve início por volta do ano de 1530 com a implantação do regime escravista. Em congruência com a Igreja Católica, o Estado produziu uma ideologia escravocrata e legitimou teologicamente a escravidão no Brasil, afirmando que os negros deveriam ser escravizados, pois eram um povo inferior, amaldiçoado pelo demônio (BILHEIRO,2008).

Para ratificar a escravidão como prática institucional justa, a Igreja afirmava que o povo africano sofria de uma maldição divina, relacionada a três aspectos: inevitabilidade, legitimidade e retidão do regime escravocrata. Na primeira justificativa, a escravidão era concebida como sendo fruto do pecado de Adão e Eva, portanto um castigo divino que vinha restabelecer a ordem divina. A segunda, dizia respeito ao fato de a Igreja acreditar que os africanos eram descendentes de Caim, o primeiro homicida da história. Após matar o irmão, Deus teria feito uma marca cutânea em Caim. De acordo com o aparelho religioso, esta marca estava associada à negritude africana. Dessa forma, os negros deveriam pagar penitência por serem descendentes do primeiro homicida. O último aspecto, por fim diz respeito ao fato de que, para Igreja, Deus destinou a escravidão ao povo negro, já que eles ascenderam do pecado ao serem amaldiçoados por Noé. Por isso, no cristianismo, a escravidão havia sido ratificada e aprovada pelo próprio Criador (BILHEIRO, 2008).

Ao longo do processo de escravidão que terminou em 1888, os escravos constituíam a maior parcela da população brasileira e ocupavam o status social mais baixo, contudo, diferente de outros países escravistas, no Brasil a mestiçagem foi elevada (CAMINO et al, 2000). De acordo com Dantas (2008), após a abolição da escravatura, variados registros históricos, datados de 1900-1940, asseguravam que o fato de o povo brasileiro ter uma grande mestiçagem com negros, indígenas e europeus fazia do Brasil um país sem preconceito e aberto à assimilação de novas culturas e etnias. No entanto, essa era uma falsa ideia de unidade racial, já que a produção intelectual brasileira estava apenas investindo na construção de uma nova identidade para o Brasil (DANTAS, 2008).

Os intelectuais utilizavam-se ambigualmente de argumentos biológicos e sociais para afirmar que as misturas de etnias inviabilizavam o progresso no Brasil (DANTAS, 2008). Tais ideias baseavam-se em teorias raciais que defendiam a existência de diferenças hierárquicas entre as raças e que, mesmo que a raça negra fosse inferior, também poderia evoluir e ajudar no progresso da nação. Nessa concepção, para que o país alcançasse o branqueamento, era necessário que seu povo conhecesse suas heranças mestiças (DANTAS, 2008).

Desse modo, é possível perceber que, apesar dos pensadores reconhecerem

que o Brasil também era composto por pessoas negras, eles ainda acreditavam que o branqueamento da população iria gerar progresso. Para disseminar essas ideias, eles publicavam suas reflexões nos jornais e, por meio do preconceito científico, esses pensadores contribuíram para a disseminação de preconceito contra negros e mestiços. Em outras palavras, embora se admitisse a herança africana no Brasil, as práticas sociais ainda revelavam um forte preconceito contra o povo negro (DANTAS, 2008).

Com o passar do tempo, leis que garantiam a dignidade das pessoas negras foram sendo sancionadas e o preconceito explícito passou a ser considerado crime, no entanto, novas formas de expressão e conteúdo preconceituoso foram sendo incorporados na sociedade (CAMINO et al, 2000). Nesse percurso, discriminar negros, explicitamente, passou a ser crime, no entanto, essas leis não garantiram o fim do preconceito, já que esse passou a ser proferido de forma implícita.

Considerando os aspectos discutidos até aqui, verificamos que o discurso preconceituoso que compôs o Brasil Colonial ainda está presente na contemporaneidade e permeia a sociedade, no entanto de forma implícita e mascarada. Na próxima seção, apresentaremos uma breve análise do discurso do personagem Luís da Silva e de como esses aspectos relacionados ao preconceito são reverberados.

A ANGÚSTIA DE LUÍS DA SILVA

Esta seção tem como objetivo analisar o discurso do personagem Luís da Silva sob o viés das teorias da Análise do Discurso Francesa considerando preconceito racial no Brasil. Luís é o personagem principal do romance *Angústia* de Graciliano Ramos, publicado em 1936. Ele é o protagonista, tem 35 anos e revela-se desgostoso com vida.

Ao longo do enredo da obra, é possível perceber que o personagem tem ódio e vergonha de sua raça, sofre com a solidão e sente-se constantemente inferior aos demais. Luís é um intelectual sertanejo frustrado e funcionário público que vive de aluguel em Maceió, aproximadamente em 1930. Por meio de seu fluxo de consciência, podemos compreender um pouco sobre sua trajetória: ele mudou-se de sua cidade natal em busca de uma vida melhor, pois ficou órfão cedo e enfrentou a pobreza. Em seu universo psicológico, é possível perceber que ele se considera oriundo de uma raça vagabunda e condenada. Por conta disso, em muitos momentos da história, ele se angustia sobre suas origens. [...] sabia onde ficava o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Lugares que me atraíram, que atraem a minha raça vagabunda e queimada pela seca “[...]” (RAMOS, 2007,p.26).

É possível perceber que, como ele tem uma origem negra e sertaneja, acredita que tem a vida condenada pela desgraça. Tais pensamentos refletem a ideologia dominante disseminada no período do Brasil Colonial, pois, como comentado anteriormente, em conjunto com o Estado, a Igreja defendeu que os africanos eram fruto de uma raça amaldiçoada. Para reforçar essa insatisfação com a vida, o personagem está sempre

reclamando. A análise revela que Luís não é o único a se constituir a partir da Formação Ideológica escravista, os indivíduos a sua volta também. Para Pêcheux (1995), para que a ideologia dominante se perpetue, é necessário que as relações sociais sejam reproduzidas ou repetidas. Dessa forma, a classe dominante utiliza os aparelhos repressivos de Estado para garantir que as condições de exploração de uma classe para outra continuem. Desse modo, por meio das práticas exercidas pelo aparelho ideológico de Estado, representado pelo guarda, o personagem reforça a ideologia dominante e o discurso de inferioridade que o faz sentir vergonha de sua história de pobreza e luta.

Durante a leitura foi possível perceber que o amigo de Luís também pressupõe que quem vive no sertão está fadado à penúria e que os sertanejos só têm lembranças ruins sobre sua terra. Contudo, o personagem principal ignora a opinião de seu amigo, já que tem poucas recordações boas de sua vida e prefere não ser influenciado pelo pensamento negativo de Moisés. Outro aspecto evidenciado ao longo da narrativa diz respeito ao fato de que quando Luís da Silva vai referir-se a ele mesmo, ou sobre alguma conquista já se coloca em uma posição de inferioridade em relação às outras pessoas. O excerto seguinte explicita essa ideia: Luís vê uma moça que gosta, pela primeira vez na história, e não acredita que pode conquistá-la, ou seja, sente-se feio e não adequado a ela.

A descrição do personagem evidencia fenótipos negros como “nariz grosso” e “uma boca grande”, o personagem sente-se feio e tem baixa-estima. Por conta disso, pressupõe que ninguém vai considerá-lo bonito. Essa questão o angustia tanto que, ele pensa sobre o porquê de se achar feio duas vezes seguidas. Como Luís não se acha digno de ser amado ou olhado, tem medo de deixar as pessoas se aproximarem romanticamente dele. Assim, ele fica sempre solitário e sai com prostitutas para preencher o vazio que sente. De acordo com Bilheiro (2008), a Igreja Católica construiu uma ideologia preconceituosa em relação aos negros com base no cristianismo. A ideia de que os negros tinham a marca da maldição divina em suas peles está presente no pensamento do personagem.

Por conta disso, ele acredita que seus fenótipos negros os fazem ser feio. Na concepção pechetiana, isso ocorre porque Luís se constituiu sujeito em uma sociedade, cuja Formação Ideológica colocava o negro não só como ser inferior, mas também com traços genéticos oriundos da maldição divina. Ao longo da obra, verificamos que o personagem Luís possui uma admiração por pessoas com traços caucasianos, ao mesmo tempo que ele, recorrentemente, coloca-se como ser insignificante, pois “Considerava-me um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor. [...]” (RAMOS, 2007, p.46). Contudo, considera Berta, uma prostituta que conheceu quando era mais jovem, como uma pessoa pura, inteligente e bonita apenas porque ela era branca e tinha traços caucasianos. A ideologia dominante que determinou que os negros eram uma raça inferior e que a “raça ariana” era superior, reverberou no personagem Luís e fez com que, por meio de Memória Discursiva, reproduzisse o discurso racista disseminado na ideologia dominante. Consequentemente, o personagem crê que não possui atributos físicos adequados e que o

valor de cada pessoa muda de acordo com sua etnia. Por este motivo, Luís vê Berta como sendo “uma admirável ariana pura”:

[...] O diabo da alemã voltava-me sempre a lembrança, provavelmente por ter sido a primeira mulher bonita e limpa a que me encostei. – “Senhor não quer entrar?” Tipo admirável ariano puro. – “Madame, sujeito como eu pode agarrar-se a uma pessoa da sua marca?” A ariana pura tinha respondido uma língua embrulhada. (RAMOS, 2007, p.119).

Para Camino et al (2000), a discriminação ocorre pelo fato de que cada etnia tende a atribuir traços positivos para si e traços negativos para os que não pertencem ao seu grupo. Nessa concepção, observa-se que enquanto a ideologia dominante, que era branca, atribuiu traços positivos a quem fosse caucasiano, também estabelece que quem preenchesse esses padrões era desprovido de beleza.

Por isso, constituído nesse discurso, Luís se vê como “um bruto”, “um selvagem”, ao passo que acredita que Berta é bonita e limpa, pois é uma ariana pura. Outro aspecto que angústia Luís relaciona-se ao fato de ele não ter completado os estudos, além de ter origem pobre, ser sertanejo e negro:

É um lugar incômodo: as pessoas que entram e as que saem empurram-me as pernas. Contudo não poderia sentar-me dois passos adiante, por que às 6 horas da tarde estão lá os desembargadores. É agradável observar aquela gente. Com uma despesa de dois tostões passo ali uma hora, encolhido junto à porta, distraíndo-me (RAMOS, 2007, p.28)

A partir deste trecho, observa-se novamente que Luís ignora a multidão, porque já sabe que é ignorado e excluído nos lugares que frequenta. O personagem é como um estranho no grupo, já que nem ao menos se reconhece como parte dele e não é reconhecido como um integrante dessa massa de pessoas. Ele se conforma com isso, já que a Formação Ideológica preconceituosa na qual o Brasil foi firmado interpela, não só Luís, mas os sujeitos a sua volta também, pois ambos têm elementos pré-construídos que moldaram os discursos e as ações.

Neste sentido, excluir Luís do grupo passa a ser considerado algo natural, pois essas são as relações de subordinação e desigualdade na qual esses sujeitos estão inseridos e são constituídos. Para Camino et al (2000), o preconceito passou a ser reproduzido de uma forma menos explícita para que estas atitudes não fossem consideradas crimes. Por conta disso, Luís sofre uma discriminação diferente de seus antepassados, já que discriminar já não era mais algo legal, contudo o personagem passa a ser excluído da comunidade. Na perspectiva do personagem, as pessoas só se dirigiam a ele para dar ordens. O tratamento que Luís recebia é coerente com a ideologia de que os negros deveriam servir aos brancos para restabelecer a ordem divina. Apesar da história se passar, aproximadamente, no ano de 1936, a ideologia colonialista de que os negros deveriam ser subordinados aos brancos continua presente na Formação Ideológica dos brasileiros, mesmo após a abolição da escravatura. Isto fica evidente no trecho abaixo:

Só se se dirigiam a mim para dar ordens. Fora isso eram indiferentes. Eu estava no bar. Estava tão abandonado neste deserto... só se dirigiram a mim para dar ordens:

— seu Luiz, é bom modificar esta informação. Corrija isto seu Luiz.

Fora daí, o silêncio, a indiferença. Agradavam-me os passageiros que me pisavam os pés, nos bondes, e se voltavam, atenciosos:

— Perdão, perdão. Faz favor de desculpar. [...] (RAMOS, 2007, p.30).

O personagem se sente cercado por inimigos e por pessoas que o julgam de forma negativa. Aparentemente, Luís é indiferente a esse fato, porém revela-se amedrontado e isolado do mundo. Tal isolamento faz com que o personagem fique feliz por que alguém pisou nos seus pés, já que este é um dos únicos momentos em que as pessoas se dirigem a ele. É possível perceber que isso entristece Luís e faz com que ele esteja sempre na defensiva à espera de alguém queira fazer algum mal a ele:

Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos, e como caminho devagar, noto que os outros têm demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço. Quero recolher-me, afastar-me daqueles estranhos que não compreendo ouvir Currupaco, ler, escrever. A multidão é hostil e terrível.[...] (RAMOS, 2007, p. 159)

Como já mencionado, a multidão é cruel e hostil pelo fato de Luís ser descendente do povo africano, da raça considerada, pelo Estado e pela Igreja, como amaldiçoada e demoníaca. De acordo com Pêcheux (1995), nós somos no inconsciente, no entanto, mesmo sendo interpelado pela ideologia inconscientemente, o personagem sabe a razão pela qual é discriminado e pela qual odeia a si mesmo:

Eu não podia temer a opinião pública. E talvez teme-se. Com certeza temia tudo isso. Era um medo antigo, medo que estava no sangue e me esfriava os dedos trêmulos e suados. A corda áspera ia-se amaciando por causa do suor das minhas mãos. E as mãos tremiam, O chicote do feitor num avô negro, há duzentos anos, a emboscada dos brancos a outro avô, caboclo, em tempo mais remoto... Estudava me ao espelho, via, por entre as linhas dos anúncios, os beiços franzidos, os dentes acavalados, os olhos sem brilho, a testa enrugada. procurava os vestígios das duas raças infelizes. foram elas que me tornaram a vida amarga e me fizeram rolar por este mundo faminto, esmolambado e cheio de sonhos (RAMOS, 2007,p.194- 195).

Apesar de ter a consciência do preconceito que sofre, mesmo que Luís perceba o motivo pelo qual é hostilizado, continua repetindo o discurso de ódio que foi propagado pela ideologia dominante, e considera que o culpado pelas desgraças de sua vida, são suas origens caboclas e negras. Essas ideias repercutem uma ideologia que constitui a Formação Ideológica e discursiva no Brasil colônia a respeito do valor social do negro. As lembranças Luís fazem com que ele tenha medo da opinião pública, pois os pré-construídos do interdiscurso da sociedade, na qual o personagem está inserido, remetem aos abusos e torturas que seus antepassados sofreram. Dessa forma, ele teme fazer algo errado, pois

sabe que seria punido de forma severa.

Ao longo da análise, evidencia-se a dificuldade de desregularizar o discurso a respeito da concepção do que é ser negro no Brasil colônia. O discurso de ódio e preconceito foi, recorrentemente, repetido e, por meio dele, subjetiva-se o sujeito, constituindo-o. Esse mesmo sujeito não só reproduz esse discurso, como também acredita nele. Tal crença contribuiu para que, mesmo após a abolição da escravidão, os descendentes de africanos continuem sendo discriminados socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar as práticas discursivas do personagem Luís da Silva, do romance *Angústia* de Graciliano Ramos, relacionadas ao preconceito racial no período histórico em que o romance transcorre. Para tanto, foram retomados aspectos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa para sustentar a análise.

As práticas discursivas de Luís da Silva evidenciaram que o personagem se constitui a partir da ideologia dominante e, por isso mesmo, coloca-se, de forma recorrente, como ser inferior em relação a sociedade. Como os já ditos a respeito do negro remetem ao povo africano como amaldiçoado, com aparência demoníaca e atitudes pecaminosas, o personagem reproduz estes elementos no seu intradiscurso. Por conta disso, o discurso do personagem reproduz a ideologia escravista. Assim, Luís é angustiado, tem ódio de si mesmo e do tratamento que recebe por ser negro e sertanejo.

Anos de escravidão e discurso escravista dificultam a desregularização desse pensamento na memória social do brasileiro. Ainda que a ideologia escravocrata tenha sido desregularizada por medida de lei, ela ainda permanece na memória social. Como a memória social vai se constituindo por novos discursos, e esses discursos são marcados pela historicidade e política, não apenas Luís, mas os outros sujeitos a sua volta repetem e regularizam a ideologia preconceituosa que foi inscrita em suas memórias discursivas.

REFERÊNCIAS

BILHEIRO, Ivan. **A Legitimação Teológica do Sistema de Escravidão Negra no Brasil:** Congruências com o Estado para uma Ideologia Escravocrata. *Ces Revista, Juiz de Fora*, v. 22, n. 1, p.91-101, 2008.

CAMINO, L., Da Silva, P., Machado, A. & Pereira, C. **A Face Oculta do Racismo no Brasil:** Uma análise psicossociológica. *Revista de Psicologia Política, São Paulo*, v.1, pp.13-36. 2001.

INDURSKI, Freda. **O Trabalho Discursivo do Sujeito:** Entre o Memorável e a Deriva. *Revista Signo y Señã, Buenos Aires*, n.24, p. 91-104. Dez.2013.

DANTAS, Carolina Vianna. **O Brasil Café com Leite:** Debates Intelectuais sobre Mestiçagem e Preconceito de Cor na Primeira República, *Revista Tempo, Niterói*, v.13, n.26, pp.56-79. 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre (org.) Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 62ªed: Rio de Janeiro,S. Paulo, Record, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andina 184, 185, 189

C

Construções 69, 76, 82

Cultura 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 20, 22, 26, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 100, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 184, 192, 196, 207, 209, 218, 220

D

Diálogo 5, 9, 65, 113, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 159, 191, 204, 205, 206, 209, 214, 215, 216, 217

Discurso 22, 33, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 78, 81, 106, 110, 111, 116, 122, 126, 138, 141, 145, 146, 147, 153, 154, 172, 184, 201, 211, 216, 219

E

Ecocrítica 37, 38, 50, 220

Escravidão 7, 19, 30, 55, 60, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 133

Espaço escolar 193, 195, 196, 198, 202, 203

F

Feminino 15, 36, 69

Futebol 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

H

História 2, 3, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 28, 31, 36, 40, 44, 45, 46, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 62, 67, 71, 73, 74, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 94, 95, 96, 100, 103, 106, 111, 112, 113, 115, 119, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 134, 140, 148, 151, 152, 155, 158, 161, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 202, 203, 208, 209

I

Identidade cultural 1, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 14, 68, 71

Ideologia 39, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 126

Intertexto 144, 145

L

Letras 2, 12, 16, 23, 36, 73, 88, 94, 102, 108, 110, 111, 136, 138, 156, 157, 168, 170, 182, 183, 218, 220

Linguística 63, 64, 66, 71, 72, 73, 145, 146, 200, 201, 220

Literatura 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 38, 40, 41, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 100, 101, 104, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 125, 128, 131, 133, 134, 136, 141, 142, 143, 145, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 182, 184, 185, 191, 192, 220

M

Memória 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 43, 51, 53, 54, 57, 60, 61, 74, 81, 86, 87, 93, 97, 146, 158, 160, 164, 167, 192

Miséria 101, 102, 104, 110, 185, 189

Mitologia 184

P

Poesia 13, 122, 136, 138, 140, 141, 142, 185

Política 19, 21, 42, 52, 60, 72, 75, 77, 86, 100, 103, 105, 107, 109, 112, 113, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 178, 179, 192

Portugal 27, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 202, 207

Pós-colonialismo 25, 26, 30

Prosa 24, 65, 141, 182

Prostituição 109, 112, 113, 114

R

Representações 23, 85, 102, 106, 195, 196, 197, 198

Resistência 13, 17, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 44, 77, 189

S

Simbolismo 32

Sociologia das ausências 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 218, 219

T

Teatro 113, 138, 140, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Transgressão 9, 32

Turismo 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021